**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

LUDMILA CARDOSO RAIA

**O ÚLTIMO ANO DA GUERRA AO PARAGUAI NA PERSPECTIVA
DOCUMENTAL PRESENTE NO ARQUIVO PÚBLICO DE MATO GROSSO
(1870)**

CUIABÁ - MT

2024

LUDMILA CARDOSO RAIA

**O ÚLTIMO ANO DA GUERRA AO PARAGUAI NA PERSPECTIVA
DOCUMENTAL PRESENTE NO ARQUIVO PÚBLICO DE MATO GROSSO
(1870)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado(a) em História.

Orientador (a): Dr. Bruno Pinheiro Rodrigues

CUIABÁ - MATO GROSSO

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Marcelo Magalhães Raia e Roselene Aparecida Cardoso de Oliveira Raia (*in memoriam*). Dedico também aos demais familiares, amigos e professores que me ajudaram a chegar até aqui.

“Viva a Nação Brasileira!

Viva Sua Magestade o Imperador!

Viva a Constituição Política do Imperio;

Viva o Exercito e Armada!

Vivão os voluntarios, da Patria!

Vivão os nossos allidos!”

ORDEM de 16 de abril de 1870

Resumo

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre o final da Guerra ao Paraguai, na perspectiva documental do acervo que contém na Superintendência de Arquivo Público de Mato Grosso, ou seja, abrangendo o último ano de conflito (1870). Ademais, contando um pouco sobre como ocorreu a Guerra Grande e fazendo conexões com o revisionismo histórico e com outros autores para melhor entendimento sobre o tema. E assim, foram consultados nomes como os de Vera Lúcia Nowotny Dockhorn, Francisco Doratioto, Marlene Menezes Vilela e Chimamanda Ngozi Adichie para melhor explicar o motivo de uma história única ser arriscada. Além disso, o artigo busca trazer uma perspectiva historiográfica que explicará a importância de entender que ambos, Brasil e Paraguai, foram culpados no conflito que ceifou milhares de vidas, entre elas de crianças. Foram consultados ao todo cinco documentos manuscritos, contando com: três ofícios, uma ordem e um relatório que foram destinados para a província de Mato Grosso, todos datados no ano de 1870.

Palavras-Chave: Guerra ao Paraguai; Conflito; Guerra Grande; Arquivo Público.

Abstract

This article aims to discuss the end of the War against Paraguay, with the documentary perspective of the collection held by the Superintendence of Public Archives of Mato Grosso, that is, covering the last year of the conflict (1870). Furthermore, telling a little about how the Great War occurred and making connections with historical revisionism and other authors for a better understanding of the topic. And so, names such as Vera Lúcia Nowotny Dockhorn, Francisco Doratioto, Marlene Menezes Vilela and Chimamanda Ngozi Adichie were consulted to better explain why a unique story is risky. Furthermore, the article seeks to bring a historiographical perspective that will explain the importance of understanding that both Brazil and Paraguay were guilty of the conflict which claimed thousands of lives, including children. A total of five handwritten documents were consulted, including: three letters, an order and a report that were destined for the province of Mato Grosso, all dated in 1870.

Key words: Paraguayan War; Conflict; Great War; Public Archive.

1. Introdução

Miséria, pobreza, intolerância e morte são alguns dos substantivos que conseguem definir o maior conflito bélico da América do Sul. A Guerra Grande, Guerra ao Paraguai ou Guerra com o Paraguai, que é o mais usual no Brasil, durou do ano de 1864 a 1870, quase seis anos de lutas e mortes.

O conflito assolou milhares de pessoas. Foram devastados todos os envolvidos no conflito, que já vinha dando indícios de sua eclosão desde o começo do século XIX, pois haviam muitos interesses distintos entre os países que compunham a América do Sul. Interesses que se ramificam para questões sociais, políticas e geográficas.

Em síntese, os envolvidos no conflito foram o Paraguai, Brasil, Uruguai e Argentina, assim formando a tríplice aliança, os três tinham interesses semelhantes, contra o Paraguai. A Guerra, foi e continua sendo considerado o maior conflito bélico da América do Sul, e passou por vários revisionismos históricos.

Por muito tempo, houve uma perspectiva da historiografia elitista que o único culpado do conflito ter ocorrido era única e exclusivamente do Paraguai, mas é de suma importância entender que essa história única é equivocada, ou seja, ela é um perigo. Pois, a guerra envolve muitos problemas, que tiveram seu início no século XIX, até sua eclosão em 1864.

Tal historiografia traz o ufanismo, patriotismo e o nacionalismo exacerbado para sua escrita, pois a história “oficial”, ou seja, a elitista se preocupa em trazer apenas uma versão do ocorrido. Assim, o etnocentrismo é valorizado nessa historiografia que propõe o ideal: paraguaios são transgressores.

Em novembro de 2021, inicio meu estágio na Superintendência de Arquivo Público de Mato Grosso. O interesse pelo tema surgiu em julho de 2022, quando iniciaram os trabalhos de separação dos documentos para a criação do fundo para o Arquivo Público de Mato Grosso e conseqüentemente a disponibilização do mesmo para a comunidade externa. Até aquele momento, a história que eu conhecia era apenas uma única: o Paraguai sendo o intolerante e causador do conflito.

Após adentrar mais profundamente na documentação e começar a ver por meio das mais variadas fontes encontradas, o despertar de interesse sobre aprofundar mais no tema surgiu, porque foi daí que veio o entendimento que mais uma vez, uma história única estava sendo contada e o risco que ela trazia.

Em suma, este artigo tem como objetivo discorrer sobre o último ano do conflito, que ocorreu no ano de 1870, utilizando a documentação do acervo da Superintendência de Arquivo Público de Mato Grosso.

E a história contada no último ano da guerra, a partir das documentações, se refere de forma clara ao etnocentrismo e isso consequentemente aguçou minha vontade em aprofundar no último ano do conflito. A escolha e a ênfase dada no termo *Guerra ao Paraguai* é para deixar claro a forma objetiva da ideia de balancear o peso do conflito para todos que se envolveram na guerra. Pois não houve apenas um culpado e sim todos que participaram.

Para isso, foram separados cinco documentos: uma ordem, três ofícios e um relatório. A história que esses documentos trazem, se referem a uma história única, que consiste em passar a mensagem que o Paraguai era miserável, o presidente um tirano e ditador, ou seja, uma história que tem necessidade de um outro olhar.

Do mesmo modo, o nacionalismo, ufanismo e o patriotismo brasileiro estavam altíssimos. Pois, a forma com a qual o documento noticia os acontecimentos, deixa evidente a necessidade de exaltar sua pátria, pois era uma honra defender sua pátria.

Mediante o exposto, todos esses documentos estão destinados a dar a notícia a província de Mato Grosso, sobre a morte e o fim da guerra, após Francisco Solano López, o presidente do Paraguai, ter sido capturado por soldados brasileiros.

Em resumo, o artigo tem como objetivo mostrar a Guerra através da perspectiva documental separada, nas mais de noventa caixas analisadas, existente no Arquivo Público. No entanto, mostrando que há uma perspectiva que deve ser olhada e analisada com cautela, pois a história que é contada através dessa documentação é com um olhar destinado à honra brasileira.

2. Perspectivas historiográficas da Guerra ao Paraguai

Existem várias formas de se referir ao maior conflito bélico da América do Sul, que ocorreu entre 1864 a 1870, como “Guerra com o Paraguai”, “Guerra contra o Paraguai”, “Guerra ao Paraguai”, “Guerra Grande” e após o revisionismo histórico feito por Francisco Doratioto temos a “Maldita Guerra”.

Francisco Doratioto se refere a este importantíssimo e grandioso conflito bélico como “Maldita Guerra”, que o inspirou a escrever o livro intitulado “Maldita Guerra: nova história da guerra do Paraguai” publicado em 2002. Em seu livro Doratioto trará um revisionismo

histórico sobre o grande conflito que gerou inúmeras consequências para todos que participaram direta ou indiretamente no combate.

Daí o espírito acrítico com que o mundo acadêmico aceitou e reproduziu, naquele momento, publicações “revisionistas” sobre a Guerra do Paraguai, que mistificavam Solano López e responsabilizavam o imperialismo britânico pelo conflito. Contudo, continuar a defender, hoje, essa interpretação somente pode ser resultado da ignorância histórica ou, então, da natural dificuldade de se reconhecer errado. (DORATIOTO, 2002, p. 20)

É importante salientar que não existe uma história única sobre a guerra. No livro “O perigo de uma história única” a escritora e ativista Chimamanda Ngozi Adichie irá explicar as adversidades que é acreditar em apenas um lado, ou seja, em uma parte contada sobre a história. Com a Guerra no Paraguai não é diferente.

Doratioto irá trazer uma reflexão e esclarecer seu ponto de vista na introdução do seu livro para expor o que foi o conflito e o quão grande ele foi se tornando:

A Guerra do Paraguai faz parte, portanto, da minoria, pois o agressor, o lado paraguaio, foi derrotado, e a luta se estendeu por cinco anos. Foi o conflito externo de maior repercussão para os países envolvidos, quer quanto à mobilização e perda de homens, quer quanto aos aspectos políticos e financeiros. (DORATIOTO, 2002, p. 17)

Contudo, antes de adentrar realmente no conflito, Doratioto diz que é importante destacar alguns pontos que geralmente não são enfatizados, mas que são importantes para entender como se deu o embate entre os paraguaios e brasileiros.

Começando com a questão de que o Paraguai tinha um chefe ditador tirano governando um país atrasado e agrícola, ou seja, que não tinha nenhuma perspectiva de crescimento e que ainda colocou milhares de vidas de civis dentro do conflito a mercê de todas as adversidades que um conflito bélico tem a conceder aos envolvidos.

Um agente causador maior foi a questão de os paraguaios admirarem o Francisco Solano López. Essa afeição pelo chefe do país trouxe malefícios, pois a população o idolatrava e isso fez com que a guerra ocorresse. Assim, o Paraguai foi se tornando uma periferia.

Em compensação, ficou evidente que Francisco Solano López era um ditador quase caricato de um país agrícola atrasado, autor de erros militares que custaram a vida de milhares de seus valentes soldados, mas que foram motivo de suspeito silêncio de seus admiradores futuros, os revisionistas históricos (DORATIOTO, 2002, p. 18)

Segundo Doratioto (2002), a guerra foi um conflito que poderia ter sido evitado, mas por causa do tirano, chefe e ditador Francisco Solano López ela ocorreu sem nenhum precedente.

O autor destaca que o revisionismo populista que ocorreu ao longo do século XX da guerra é equivocado, pois trabalha com a visão de que o Francisco Solano López era um grande chefe militar e um anti-imperialista. Ademais, ambos os lados, tanto brasileiro como paraguaio, foram culpados desse acontecimento que destruiu milhares de cidades, homens, mulheres e crianças.

Dessa geração nasceu a historiografia tradicional sobre a guerra, que simplificou a explicação do conflito ao ater-se às características pessoais de Solano López, classificado como ambicioso, tirânico e, mesmo, quase desequilibrado. Essa caracterização não estava longe da realidade e pode até explicar certos momentos da guerra, mas não sua origem e sua dinâmica. (DORATIOTO, 2002, p. 19)

Ou seja, há muitos estudos sobre o tema e vários revisionismos que começaram desde o final do século XIX, no XX e continuam até nos dias de hoje.

A historiadora Vera Lúcia Nowotny Dockhorn, irá citar em sua dissertação de mestrado intitulada: “O ensino da Guerra do Paraguai através das imagens: uma proposta para o uso da fotografia e da pintura como fonte de ensino”, um revisionismo elitista, ou seja, uma historiografia considerada a oficial.

Concluo, portanto, que existem atualmente nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul espaços que preservam uma memória oficial da Guerra do Paraguai, por meio de monumentos, sejam eles ruas, avenidas ou praças simbolicamente nomeadas com nomes de heróis e de grandes acontecimentos. É uma história composta de ideais e anseios da elite que a gestou, desse modo, trata-se de uma memória exclusiva que favorece determinados grupos, e que se legitima ao se transpor sobre a coletividade por meio dos espaços públicos que perpetuam tal memória. (DOCKHORN, 2020, p. 110)

Essa historiografia oficial e elitista traz uma história quase única, pois é contada e perpassada até hoje como uma história que consiste em má interpretação e entendimentos equivocados, pois ela não é tratada com todas as singularidades que ocorreram no maior conflito bélico da América do Sul.

A guerra ocorreu entre os anos de 1864 a 1870, ou seja, foram mais de cinco longos anos. Teve início em 13 de dezembro de 1864 e fim no dia 1 de março de 1870. No Brasil é conhecida como “Guerra do Paraguai” e no Paraguai é “Guerra Grande” ou “Guerra da Tríplice Aliança”. No entanto, em ambos os países há um consenso de que foi um conflito brutal.

Foram quatro países envolvidos: Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. A historiografia conta que o estopim se deu quando o vapor *Marquês de Olinda*, que levava a bordo o brasileiro Coronel Frederico Carneiro de Campos, presidente da província de Mato Grosso, foi capturado por paraguaios, subindo o Rio Paraguai, em 12 novembro de 1864.

A Guerra se desenrola a partir daí. Mas um antecedente do conflito, é o fato de que o Brasil iniciou uma intervenção militar no Uruguai, que não agradou o Paraguai. Além disso, sempre houver tensões nessas quatro regiões, por questões fronteiriças tanto terrestres quanto por navegação pelo rio da Bacia Platina, ou seja, a questão fronteiriça sempre foi um ponto crucial e divergente da região Sul da América.

O Uruguai foi criado em 1828 e cumpriria a função, segundo lorde Ponsonby, representante do governo britânico no Prata, patrocinador da independência uruguaia, de um algodão entre dois cristais, as Províncias Unidas do Rio da Prata e o Império do Brasil, evitando que se chocassem. O Estado oriental não chegou a cumprir esse papel e, mais, tornou-se, a partir de 1863, ponto de convergência das contradições platinas que desencadeariam a guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança. (DORATIOTO, 2002, p. 45 e 46)

Dockhorn (2020) destaca que na nova historiografia há questões geopolíticas para o conflito ter se iniciado, ou seja, salienta pontos políticos, geográficos e econômicos.

Uma importante historiografia das últimas décadas vem apontando que as causas do conflito platino devem ser entendidas a partir da compreensão das relações políticas, econômicas e geográficas entre os países da região. Portanto, sujeitos da sua própria história Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai cada qual desempenharam um papel, seja preponderante ou não, para o acontecimento da Guerra. (DOCKHORN, 2020, p. 32)

A princípio, a região da América do Sul era de Portugal e Espanha, vices reinos, que foram se desmembrando no início do século XIX. O Brasil pertencia a Portugal e Uruguai, Paraguai e Bolívia a Espanha e isso já era motivo para ter tensões entre as nações. Ou seja, já havia uma disputa e divergências territoriais que só iriam aumentar com por causa dos interesses políticos e econômicos de cada nação, conforme fosse surgindo a necessidade de modernização.

A pretensão de Portugal em expandir seus domínios e manter uma hegemonia na região perdurou ao longo de todo período colonial. Tratados de fronteira conflitantes foram assinados entre Portugal e Espanha delimitando suas posses. Por exemplo, o Tratado de Madri assinado em 1750, com base no princípio de direito do *uti possidetis*, deu ao Brasil praticamente seus contornos atuais, mas ainda assim não definitivos. Entretanto, as discordâncias continuaram resultando em novos acordos. O último Tratado assinado entre as duas metrópoles, sobre limites de possessões americanas foi o de Santo Ildefonso, 1777. A Colônia do Sacramento, então motivo de disputa entre Portugal e Espanha, passou ao domínio espanhol, assim como o território das Reduções Orientais, também denominada de Sete Povos das Missões. (DOCKHORN, 2020, p. 34)

Além disso, o Rio do Prata e o desejo de terem sua hegemonia, foi o ponto crucial para as divergências aumentarem entre as nações. No Brasil, mais precisamente, a região de Mato Grosso era extremamente isolada e as maneiras para chegar na província era terrestre e por navegação.

A política do Império do Brasil em relação ao Paraguai buscou alcançar três objetivos. O primeiro deles foi o de obter a livre navegação do rio Paraguai, de modo a garantir a comunicação marítimo-fluvial da província de Mato Grosso com o restante do Brasil. O segundo objetivo foi o de buscar estabelecer um tratado delimitando as fronteiras com o país guarani, de modo a ratificar pelo direito internacional a expansão territorial brasileira ocorrida desde o período colonial. Por último, um objetivo permanente do Império até seu fim em 1889, foi o de procurar conter a influência argentina sobre o Paraguai, a partir da convicção de que Buenos Aires ambicionava ser o centro de um Estado que abrangesse o território do antigo vice-reino do Rio da Prata, incorporando o Paraguai. (DORATIOTO, 2002, p. 471)

No entanto, sempre houve um embate entre os países por causa da região da Cisplatina. No começo do século XIX, o Brasil teve um embate com os argentinos por causa da região, onde a Argentina saiu vitoriosa, no entanto não tinham um governo estruturado, mas o Brasil sim e isso foi importante para logo perderem a região, por causa de defasagem política e econômica.

E no Uruguai também acontecia uma divergência política entre os Blancos e os Colorados, e houve uma Guerra Civil Uruguia em 1839 entre os dois partidos políticos que compunham, ou seja, foi um século de muitos embates para todas as regiões.

Outrossim, o Paraguai conseguiu sua independência em 1811 da Argentina, ficando isolado estrategicamente para evitar embates com Buenos Aires. Os paraguaios estavam caminhando para tentar se modernizar e acompanhar os avanços que estavam ocorrendo e após ter acesso livre ao Rio da Prata para fazer suas importações de produtos primários, foi essencial politicamente e economicamente para a governança de Carlos López.

Além disso, por ter tido essa abertura fluvial da bacia do Prata começou a haver acordos com europeus e conseqüentemente melhoramentos na economia paraguaia ocorrendo as importações de novas tecnologias e de parte industrial também. E assim foram se criando alianças diplomáticas entre Paraguaios e Europeus.

Além disso, houve importação de novas tecnologias e indústrias, como a fundição de ferro, estaleiros e instalação de telégrafos, estes quase exclusivamente para uso militar e novas máquinas têxteis e equipamentos fotográficos. Mas, para Areces o que realmente teria ocasionado mudanças na vida cotidiana foi a chegada de imigrantes europeus com seus costumes e

modas que influenciaram o estilo de vida das elites. (DOCKHORN, 2020, p. 41)

Como dito, o Paraguai era isolado e após 1840 começou uma abertura com os seus vizinhos argentinos e o Império brasileiro. Em 1860, aliou-se com os uruguaios e é a partir desse momento que Solano López busca uma “briga” com os vizinhos.

Desse modo, o Paraguai entrou em rota de colisão com seus dois maiores vizinhos e Solano López acabou por ordenar a invasão de Mato Grosso e Corrientes e iniciou uma guerra que se estenderia por cinco anos. A Guerra do Paraguai foi, na verdade, resultado do processo de construção dos Estados nacionais no Rio da Prata e, ao mesmo tempo, marco nas suas consolidações. (DORATIOTO, 2002, p. 23)

No entanto, havia antes uma parceria com o Brasil, que não era tão amigável. Sempre houve algum conflito entre os dois, mas com Carlos López no poder, a “rixa” era discutida sem pegar em armas. O principal ponto é que nenhum dos dois queriam ceder e isso causa os conflitos.

A Bacia da Prata era o ponto mais importante da questão. O Brasil queria poder usufruir também da navegação, pois era a forma mais rápida e eficaz para chegar na região do Mato Grosso, cujo acesso era de grande dificuldade. Além disso, o Paraguai não queria liberar a navegação, no entanto para evitar um conflito assinaram um acordo para tentar achar um ponto que fosse bom para ambos.

De início, o acordo assinado deu certo. Entretanto, após a morte de Carlos López e com Solano, seu filho, entrando no poder e assumindo o cargo do pai, a “paz” que não era tão “paz” acabou, porque Francisco Solano López queria guerra.

E o Império brasileiro com toda a pressão que já vinha fazendo, prometia guerra aos seus vizinhos paraguaios caso não conseguissem ter livre acesso ao Rio da Prata, que era fundamental para a província de Mato Grosso, para que o Rio de Janeiro, então capital, conseguisse ter acesso mais rápido à região.

A província de Mato Grosso estava muito distante de todas as outras regiões geograficamente, e isso tinha consequências como a falta de mantimentos e medicamentos para a população, por isso era de suma importância ter acesso a navegação pelo Rio da Prata.

Em 1863 os dois blocos políticos do Uruguai, blancos e colorados, estavam entrando em conflito e gerando consequências para todos. Para Argentina e Paraguai era mais vantajoso derrubar os colorados, no entanto dentro do país os argentinos se diziam apoiadores dos

colorados e neutros. No Brasil eram os blancos, porque assim conseguiriam controlar os problemas políticos e econômicos com a parte gaúcha.

Além disso, o Paraguai não queria a invasão dos brasileiros no Uruguai, pois assim seria mais fácil o Império brasileiro não conseguir o controle da parte Oriental da Bacia do Prata e isso era de muita vantagem para os paraguaios, pois assim o acesso ao porto continuaria sem problemas.

O Império brasileiro e a Argentina atuaram nos acontecimentos do Uruguai buscando acordos diplomáticos que pudessem findar o conflito e principalmente garantir vantagens para si. Mas, não só o Uruguai rompeu relações diplomáticas com a Argentina, tendo em vista o seu apoio aos colorados, como também, o Brasil cada vez mais acreditava que somente uma intervenção militar poderia pôr fim ao conflito. Por outro lado, a tentativa de Solano López em se posicionar como árbitro das negociações não foi aceita pelos países vizinhos, o que o levou a tomar uma posição mais ofensiva. (DOCKHORN, 2020, p. 48)

E assim, o Império brasileiro deu um ultimato ao Uruguai e os paraguaios um ultimato no Brasil, ambos com ameaças, pois as tentativas de negociações entre as nações tinham sido todas frustradas.

Houve uma intervenção em união Brasil e Argentina no Uruguai em apoio aos colorados e isso foi motivo para ser um antecedente da guerra que começaria em definitivo no ano de 1864, pois tal intervenção era vista por Solano López como algo que atrasaria o crescimento do Rio da Prata.

Em suma, eram vários interesses distintos. Os quais foram se desenvolvendo e aumentando conforme a necessidade que cada região tinha. E diante disso, uma guerra era certa, pois de um lado havia a Argentina bipolarizada internamente, o Brasil apoiando os colorados e os paraguaios com os blancos.

Diante disso, a guerra eles viam como necessária para colocar um fim a todos os conflitos que estavam ocorrendo, e já vinham ocorrendo a um tempo, entre eles. A guerra acabou se tornando uma possível solução rápida e eficiente para se alcançar os objetivos e interesses geográficos, políticos e econômicos.

Num contexto platino efervescente e sem os resultados esperados nas negociações entre o Império e os blancos, projetou-se o estopim para o início da Guerra. Sendo assim, quando o Brasil optou pela ação armada na República do Uruguai, e o Paraguai imediatamente reagiu em retaliação ao Brasil, a Guerra teve seu início. (DOCKHORN, 2020, p. 50)

Como dito em sua dissertação (DOCKHORN, 2020, p. 110), é uma história com muitas camadas, que ainda favorece determinados grupos. Geralmente preservando apenas uma história, a tida como oficial pela elite que a escreveu, ou seja, são muitos pontos que exigem um olhar minucioso para a compreensão desse grande conflito, que aconteceu por vários interesses distintos.

3. A Província de Mato Grosso na Guerra ao Paraguai no contexto do surto epidêmico de varíola

A Província de Mato Grosso, por estar muito longe geograficamente da administração brasileira que se encontrava no Rio de Janeiro, tinha a comunicação com o restante do Brasil ruim. No entanto, era localizada em regiões fronteiriças.

Para ter uma comunicação melhor era necessário a navegação por rios, pois se tais navegações não ocorressem a província de Mato Grosso ficaria completamente incomunicável com o restante do País, ou seja, a navegação era a principal fonte de informação e de símbolo da civilização. Por isso era importante ter o acesso livre a navegação pela da bacia platina.

E o Brasil, ainda um país escravagista, começou a oferecer para os escravizados as cartas de alforria caso se alistasse e além disso criaram uma legislação nova para compreender a nova realidade que viviam naquele momento turbulento de guerra.

Marlene Menezes Vilela, em sua dissertação de mestrado intitulada “Quando o dedo de Deus apontou a nossa província ao anjo da morte: a ocasião da varíola em Cuiabá (1867)”, irá salientar as dificuldades para a comunicação, abastecimento e a importância da Bacia do Prata na província.

A primeira hostilidade praticada pelas forças paraguaias, em 1864, ao desencadear a guerra, foi justamente o ataque a um navio brasileiro que fazia o trajeto referido, e a partir de então foi impedida a comunicação pela Bacia Platina, impondo ao território mato-grossense extrema dificuldade de comunicação e abastecimento. (VILELA, 2001, p. 47)

E de certa forma, por estar distante do resto do país foi o principal ponto para que doenças e surtos epidêmicos não chegassem à província. Após algum tempo, a medicina social¹ foi implantada aqui, mas não era usada, pois, como já dito, não haviam surtos de doenças.

¹ De acordo com a autora Marlene Menezes Vilela apud FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: Microfísica do poder. VILELA, discorre que “a medicina social pode ser considerada como um importante instrumento de um amplo processo de medicalização da sociedade, que, transformando hábitos e atitudes das populações urbanas, as adaptou às necessidades da ordem burguesa em construção”.

No entanto, em 1857 com a abertura na navegação pelo Rio Paraguai e consequentemente com a entrada e saída de pessoas na província, começaram a chegar doenças que antes nem havia ouvido falar em Mato Grosso e assim se inicia o perigo na Província.

Começando pelo fator demográfico, é preciso considerar que nessa província, distante do centro político e com uma população pequena comparada à da capital do império, as epidemias não se manifestavam com o mesmo furor. As epidemias são um fenômeno urbano e, embora tenham existido em todos os tempos, desde a Idade Média, tornaram-se mais frequentes e preocupantes com o crescimento das cidades na Idade Moderna. Por outro lado, também, a proximidade com o perigo, ou a convivência com a epidemia, a vivência com o sofrimento da dor e das perdas, acabam fazendo as pessoas acreditarem na eficiência dos mais variados tipos de antídotos, inclusive a vacina, e, como em Mato Grosso os casos de varíola anteriormente à epidemia de 1867 eram esporádicos, ao contrário, aconteceu um descaso para com a vacina. (VILELA, 2001, p. 41)

Foi em 1867 no meio da Guerra ao Paraguai, ao meio de todas as grandes tensões que estavam ocorrendo devido ao conflito que envolvia as questões sanitárias e o recrutamento de civis também, pois o exército contava com pouquíssimas pessoas; deu-se o início a epidemia da varíola na província ocasionando muitas mortes.

Como já dito, o estopim da guerra ocorre quando o vapor que estava o Marquês de Olinda foi apreendido pelos Paraguaiois:

Embora o estopim da guerra contra o Paraguai tenha sido aceso no sul da Província de Mato Grosso, quando as forças paraguaiois apreenderam o vapor mercante brasileiro Marquês de Olinda, em novembro de 1864, durante a guerra as contínuas reclamações efetuadas pelas autoridades provinciais para a Corte fazem crer que os recursos financeiros e o apoio destinados não estavam à altura do que as circunstâncias exigiam. (VILELA, 2001, p. 45)

Ou sejam, a região Sul da província era extremamente frágil e consequentemente fácil de atacar:

Neste sentido, as condições específicas vivenciadas pela Província de Mato Grosso durante a guerra contra o Paraguai, ou seja, a ocupação do sul do território, a possibilidade de invasão do restante e a dificuldade de comunicação teriam evidenciado a fragilidade da Província e contribuído para que a possibilidade de reverter a situação fosse entregue às forças militares. Nesse momento, estaria sendo acentuado um processo de valorização que já teria sentido em uma região de fronteira, que até então sobrevivera do enfrentamento com o inimigo, estivesse ele vestido de índio, espanhol, paraguaio ou boliviano. (VILELA, 2001, p. 47)

Além disso, Vilela (2001) irá enfatizar a questão do sistema vigente e levantar o ponto da objetificação dos corpos das classes mais baixas, para a manutenção da hierarquia que havia na sociedade. E com a guerra este ponto aumentou drasticamente, pois quem estava no front,

ou seja, no campo de batalha eram civis, escravizados, marinheiros e etc., ou seja, a classe baixa da sociedade brasileira.

Para fazer tal recrutamento, usavam a questão do patriotismo e da obrigatoriedade e usavam o ponto de: se era escravizado, ganharia a carta de alforria de seu proprietário. Além da deserção que poderia ocorrer a qualquer momento, por causa das condições precárias às quais essas pessoas eram colocadas, havia a questão das doenças, que se proliferaram rapidamente nas tropas.

Além da deserção que ameaçava a composição das forças disponíveis para a luta, também a doença era um perigo manifestado, tanto no caráter precário de saúde do efetivo militar com a incidência de doenças como a sífilis, tuberculose e outras, mas especialmente no aparecimento de epidemias de cólera, sarampo e varíola que colocavam em risco a sobrevivência das tropas ao dizimar, em determinados episódios, um número maior de soldados do que as frentes de batalha. (VILELA, 2001, p. 49)

Também houveram expedições para o Sul da Província para a libertação da população dos paraguaios. Durante o percurso houveram frustrações, derrotas, aumento do índice de mortes tanto por causa do campo de batalha, como das epidemias de sífilis, cólera e a varíola.

Criaram acampamentos para ajudar na administração, apoio militar e em um geral ser uma base para os militares. Um importantíssimo, foi o acampamento Couto Magalhães. Ademais, partiram para Coimbra para retomar das mãos do Paraguai, cerca de 2 mil homens, tiveram êxito.

Destacar a participação de Mato Grosso na retomada de Corumbá é abrir a possibilidade de analisar este momento como o único em que a província teve uma participação efetiva, embora efêmera, no confronto com o inimigo paraguaio. Também perceber igualmente a representação que constituiu a realidade vivida para então localizar o surgimento da epidemia de varíola de 1867, sem o que não seria possível perceber um dos aspectos de sua dimensão e significado. (VILELA, 2001, p. 54)

Em suma, toda a culpa era, e ainda é, por alguns revisionismos sobre os soldados paraguaios. Na historiografia era a versão mais plausível, mas vários estudos começaram a apontar os portos como um grande encarregado da epidemia.

A varíola manifestou-se sob a forma epidêmica primeiro entre os que compunham a expedição que voltava de Corumbá, civis e militares e os destacamentos dos vários pontos militares, ao mesmo tempo que apareciam os primeiros casos em Cuiabá, para em agosto também assumir a forma epidêmica. A varíola deve-se a um vírus e a incubação é de mais ou menos 12 dias, quando não são perceptíveis os sinais de contágio. Ela é transmitida por contato direto ou indireto, e os modelos epidemiológicos mostram que em grupos humanos restritos, como pequenas cidades, ela não se mantém. As

grandes aglomerações urbanas foram, até sua erradicação, os únicos repositórios de vírus permanentes. (VILELA, 2001, p. 60 e 61).

A forma de contaminação ocorreu de vários jeitos. E a falta de higiene era a principal causadora desse surto. E a autora traz, que a peculiaridade daquele momento de guerra, contribui para a disseminação da doença. E a perda de soldados pela varíola, cerca de 350, foi bem mais significativa que no campo de batalha.

Além disso, a situação na província não era das melhores e com a Guerra isso aumentou. E com a proibição através da Bacia do Prata feita por Solano López, tal situação complicada ficou ainda mais difícil. Porque a Província não estava conseguindo fazer o abastecimento e escoar o que era produzido em Mato Grosso.

A suspensão da livre navegação pelo rio Paraguai, promovida por Francisco Solano Lopes, interrompeu o fluxo comercial que, através de navios a vapor, tanto abasteciam como escoavam a produção da província. Todavia, o comprometimento do setor agropastoril não ocorria só pela dificuldade de escoamento da produção, mas também porque, a partir de 1865, por ordem do presidente da província de Mato Grosso, foram aumentados os efetivos militares para impedir o avanço paraguaio sobre a capital e defender a Província. Parte dos homens engajados era proveniente de outras partes do Império, mas também de Mato Grosso, acarretando duas ordens de dificuldades: diminuição da mão de obra responsável pela produção e aumento da demanda por alimentos para abastecer os armazéns militares. (VILELA, 2001, p. 63)

Esses fatores ligados à guerra e não ligados também, provocaram e ajudaram no espalhamento do surto da varíola. A primeira morte foi de um militar, Antonio Félix, no hospital militar da Província.

Nessa época, a questão da quarentena já era proposta, mas para não deixar o exército com mais déficit os comandantes não declararam a quarentena. E foi assim, com a chegada de muitos soldados na Província, sem quarentena, que começou o surto epidêmico no Mato Grosso.

Sua discordância em relação à opinião da Junta possivelmente estava atrelada à sua condição de militar, e concordar com o isolamento poderia ser prejudicial às forças que regressavam de Corumbá. O presidente da província, a quem cabia a decisão, não decretou o isolamento. Assim, os soldados continuaram o regresso e entraram em Cuiabá, transformando-a em uma cidade epidêmica. (VILELA, 2001, p. 65)

A Província estava totalmente despreparada. Havia muitos problemas sanitários e o dinheiro era mais importante. Até o manual criado indicando como a varíola deveria ser tratada era extremamente segregado, ou seja, não era para as classes mais baixas: indígenas, escravizados e os pobres livres, mas sim para a classe burguesa.

Também evidencia que essa era uma sociedade baseada na exclusão, em que os direitos de cidadão, aqueles a que o documento citado deveria estar se referindo, eram atribuídos a um grupo de pessoas privilegiadas, ou seja, o que tinha liberdade e propriedade. Excluídos, portanto, não só os escravos, mas também os pobres livres entre os quais possivelmente, localizavam-se os órfãos da varíola, em pauta. (VILELA, 2001, p. 117)

E volta a questão de isso tudo estar acontecendo por causa da providência divina. E então, um questionamento é levantado: qual é o pecado dos cuiabanos afinal?

A epidemia trouxe um desordenamento na medida em que práticas e padrões de comportamento foram abandonados e substituídos por um reordenamento que implicou na adoção de novos padrões, ou seja, de regras de tempos de epidemia. Esse tempo de exceção forçado pela epidemia deixa marcas profundas, pois os padrões substituídos são os que dão identidade e sentido à vida da sociedade epidêmica. (VILELA, 2001, p. 107)

A providência divina imposta pela igreja acabou tornando o corpo da classe mais baixa objetificado e mediatizado pelo Estado, e com o surto da varíola essa problemática aumentou. E isso, fez um peso considerável na explicação do porquê de os cuiabanos estarem passando por isso, portanto tais explicações poderiam ser encontradas com base na interpretação da bíblia.

Em suma, a Guerra ao Paraguai, mas mais precisamente a epidemia de varíola reordena a sociedade. Desde o nascimento ao casamento. Alguns tiraram vantagem disso e outros, a classe baixa, não tiraram, até porque a questão de exclusão de alguns grupos só aumentou.

E assim, a província de Mato Grosso, como todo o resto do país, passou a sofrer mais de saudade, mortes, vidas, alegrias, guerra e etc., como disse Vilela (2001): “Eram outros tempos”.

Outro tempo, porque tinha mais dor, mais gemidos, mais saudade, e mais Deus. Parecia que Ele estava irado e seu emissário o anjo do extermínio, incansável na sua missão, recolhia inocentes e pecadores. Alguns entenderam, outros não. Alguns aceitaram, outros não. Alguns O sentiram, outros não. Mas todos viveram a epidemia, morrendo ou sobrevivendo, cada um como pode ou foi possível. Mas a epidemia, por Deus ou não, foi acrescentada à cidade e à vida das pessoas e assim a vida que era muito mais que a varíola continuou, não como antes, mas continuou. (VILELA, 2001, p. 120)

Ou seja, foram tempos que mudaram completamente o rumo da história. Tanto a epidemia de varíola como todo o acontecimento da guerra. Ambos foram agentes causadores de novas práticas culturais, higiênicas, políticas e econômicas, pois por onde passaram rastros foram deixados. Rastros que até depois de um século são essenciais para entender a dinâmica atual.

Em síntese, a maior guerra da América do Sul foi o conflito de proporções enormes, pois a necessidade de conseguir resultados mais rápidos e eficientes era mais importante que qualquer outra coisa para todos os envolvidos no conflito da Guerra Grande.

4. O final da Guerra ao Paraguai na perspectiva do acervo documental da Superintendência de Arquivo Público

A instituição Arquivo Público existe desde 1896 (governo vigente de Antônio Corrêa da Costa). Em 1979, passou a denominar-se "Arquivo Público de Mato Grosso" e no ano de 2002 virou a Superintendência de Arquivo Público de Mato Grosso que até hoje se encontra na Avenida Getúlio Vargas.

Conta com um acervo muito vasto de documentos como: ofícios, cartas, requerimentos, orçamentos, propostas, atas, instruções, guia, certidão, informação, comunicado, resumo, balancetes, quadros, leis, contratos, relação, lista e etc.

Além desse acervo documental, há o acervo de microfilme, com jornais diversos e relatórios de presidentes e governadores de Mato Grosso, entre outros, e o fotográfico contando com mais de 40 mil fotografias, mais de 238 mil negativos e 158 diapositivos. Esse acervo é muito vasto, com o documento mais antigo datado mais ou menos em 1690.

Há fundos com respectivos documentos cartoriais do 1º, 2º, 5º e 6º ofício, documentos coloniais, imperiais e republicanos, jornais na vasta hemeroteca que há no prédio; além disso a Gazeta Oficial que depois virou Diário Oficial e documentos avulsos.

E é a partir dessa documentação avulsa, que em julho de 2022 que surgiu e deu-se início a separação para criar o fundo sobre o conflito, intitulado "Guerra ao Paraguai". Adentrei no órgão no ano de 2021, novembro, como estagiária e participei desde o início e, agora quase na finalização do fundo, foi a partir daí que houve um despertar de interesse sobre o maior conflito bélico da América do Sul.

Interesse que foi aguçado após entender, depois de muitas conversas com servidores historiadores que nos auxiliavam na criação do fundo e de leituras para fazer a separação documental da melhor forma possível, que não existe uma história única e que muito menos esse conflito se enquadraria numa possível.

Foram encontrados muitos documentos sobre o conflito, desde seus antecedentes, seu início em 1864, o final em 1870 e o pós-guerra também. Há documentos destinados aos capitães dos acampamentos do Mato Grosso, informes sobre como está a guerra em determinada região, documentos direcionados ao chefe da província, requerimentos de mães desoladas com pedidos de deserção de seu filho da guerra, pois não irão aguentar a perda de outro, ofícios solicitando materiais para as enfermarias, pois chegaram dezenas de feridos, entre outros.

No entanto, todos os documentos, principalmente do início, estão relacionados a muitas perdas e ao mesmo tempo com um sentimento de que o conflito não iria durar muito tempo.

Foram manuseadas noventa e duas caixas, que correspondem aos anos de 1864 a 1870, gerando mais de 650 verbetes e 2236 imagens documentais sobre o ocorrido. E mais precisamente, no último ano de guerra, 1870, foram 120 verbetes com documentos variados, mas com o foco de contar que em algumas partes da província a paz já estava sendo instaurada e tudo iria voltar a ser como era antes.

Além disso, foram encontrados muitos documentos falando sobre o final da guerra, durante todo o ano de 1870. Cada documento analisado deixa claro as várias visões que continham em cada um, por isso é de suma importância destacar o fato de que não a uma história única, pois as interpretações são vastas. E para quem o documento estava sendo destinado também mudava e conseqüentemente havia mudanças de noticiar e escrever.

Entretanto, o primeiro encontrado no acervo do Arquivo Público sobre o fim, é noticiado em 05 de março de 1870. O ofício veio do quartel general da Vila da Conceição, com a notícia de que Francisco Solano López havia sido alcançado pelo general Jozé Antonio Corrêa, derrotado e morto.

“Communico a V.Ex^a que Francisco Solano Lopes, o ex-dictador do Paraguay, tendo sido alcançado pelas forças sob o Commando do General Jozé Antonio Corrêa da Camara, foi derrotado e morto; ficando no campo de combate, ou [cobrin- do] prisioneiros, os principaes chefes que ainda o acompanhavão. A vista disso a commissão de que fora por mim encarregado o Coronel Hermes Ernesto da Fonseca não tem mais rasão de ser, e eu ja ordenei a esse official que se recolheu a este exercito com o seu Estado Maior, devendo permanecer ahi o 21º Batalhão de Infantaria, e tudo mais ficar no mesmo pé em que por elle foi encontrado, salvo as alterações que V. Ex^a tenha mandado fazer, e julgue conveniente conservar. As rações e alguns dos pedindo feito pelo Coronel Hermes seguem em todo o cazo para essa provincia.” (OFÍCIO, 05 de mar. de 1870.)

O documento conta com instruções para o Batalhão, pedindo, basicamente, para que fosse conservado e arrumado o que tivesse necessidade, pois foi um pedido feito pelo Coronel Hermes Ernesto da Fonseca, e o mesmo poderia se recolher para seu Estado maior, ou seja, para o órgão central. Além disso, o destinatário era o Luiz da Silva Prado que era o presidente interino da província de Mato Grosso.

De uma forma geral, as notícias e a maneira que elas chegavam eram sempre adjetivando de forma pejorativa o Paraguai. Usando, por exemplo, “inimigos”, “invasores” ou “inimigos invasores”. E Francisco Solano López, como o “ditador”, “inimigo”, “ex chefe ditador” ou “tirano”, mas o que não muda é a forma de fazer referência com um tom de desprezo, desdém, deprecição e menosprezo.

No dia 13 de março de 1870, outro ofício vindo do Quartel do Comando do Distrito Militar do Baixo Paraguai na cidade de Corumbá, com a notícia de que o tirano López havia sido morto e além disso noticiando a conclusão da guerra.

“Tendo grande satisfação e honra de participar a V. EX^a, que hoje deo fundo neste porto o Vapôr Mercante Onix, trazendo a noticia da morte do tyrano Lopes e da conclusão da guerra; como verdadeiro Brasileiros só me cumpre congratular com V. Ex^a, por tão felis noticia.” (OFÍCIO, 13 de mar. de 1870.)

O ofício também foi encaminhado para o Tenente Luiz da Silva Prado, o presidente da província de Mato Grosso.

Desse modo, é possível perceber com clareza a forma que a guerra era vista e noticiada na província de Mato Grosso. Fica claro o modo com o qual o Paraguai era tido e colocado como o único culpado e que deveria ser punido. Como já dito, é importante entender o poder do risco de uma história única. O risco em acreditar em apenas uma verdade.

A Grande Guerra, foi muito mais do que é noticiado e tido como verídico nos documentos oficiais ou nas historiografias escritas antes dos variados revisionismo que começaram a ocorrer no século XX e agora no XXI. É importante ressaltar que é fato que não houve apenas um culpado no meio disso tudo, mas que sim ambos, tanto o Brasil como o Paraguai, tiveram grandíssimas parcelas para que o conflito ocorresse e aniquilasse as populações.

Outro documento muito interessante encontrado foi um relatório o qual informa como está a província de Mato Grosso após a Guerra Grande. Traz informações da tranquilidade que

a província vem aproveitando desde o final do conflito. Enfermarias funcionando regularmente, sem grandes problemas; militares com salários garantidos e pagos até o mês de abril; Vapores chegando com o restante de munições e oficiais que estavam no conflito, na província de Mato Grosso.

Em síntese, é um relatório do distrito militar do Baixo Paraguai relativo ao mês de maio de 1870, mas escrito em primeiro de junho do mesmo ano. Tal relatório foi escrito pelo Tenente Coronel Antonio José da Costa:

“O Districto gozou de tranquilidade. Os operarios continuarão a trabalhar nas obras ja mencionadas. A Enfermaria financiou regularmente. As praças estão pagas de seos vencimentos ate o fim de Abril ultimo. No dia quatro chegou de Cuiabá o vapor Antonio João conduzindo passageiros. No mesmo dia chegou do referido lugar o Vapor [Amorita] Dia vinte e quatro chegou d’ Assumpção o Vapor Felipe Camarão, conduzindo as malas do Correio. No dia seis seguiu para Assumpção o vapor Onix. No dia trinta chegou ao lugar acima dito o Vapor Argentino Onix, trazendo praças de Artilharia, moniões, bestas para o corpo de Caçadores a [Cavalo], passageiros e hum contingente de cento e trinta praças para os corpos da Provincia. No dia cinco seguiu para Assumpção o Vapor [Amorita]. No dia sete seguirão para Cuiabá os Vapores Corumba, Alpha e Jaurú, conduzindo o Batalhão 21 de Infantaria e as malas do Correio. No dia dezesete seguiu para Villa Maria o vapor Antonio João conduzindo o Batalhão 19 de Infantaria.” (RELATÓRIO, 01 de jun. de 1870.)

Além desses documentos, existem telegramas escritos por oficiais contando alguns detalhes do momento em que Solano López foi encontrado e obrigado a se render e conseqüentemente sendo morto. Há uma cópia de um telegrama, junto com ofícios, com datação não exata, mas no contexto foi escrito em março com a seguinte descrição:

“Lopez foi morto á vista do General Camara, que [debaldo] intimou-lhe a rendição: o ex-dictador obstinou-se em animar a resistencia e entretanto procurava fugir: sucumbio na ponta da lança de um de nossos valente soldados.” (TELEGRAMA, mar. de 1870.)

Outro telegrama, que também estava junto com ofícios, escrito no dia 15 de março de 1870, começa dizendo em tom muito satisfatório sobre o final do conflito. E adiciona que quem deu o golpe final foi o general José Antonio Corrêa da Camara, assim deixando Solano López completamente aniquilado. Telegrama escrito por José Maria da Silva Paranhos e destinado a Luiz da Silva Prado, presidente da província de Mato Grosso.

“Tenho a satisfação de communicas a V. Ex^a que está terminada com honra e gloria para o Brasil a luta que sustentamos ja mais de cinco annos. No dia 1º do corrente, em [Ceero-Corá], na fronteira dessa Provincia, a benemerito General José Antonio Corrêa da Camara dos o ultimo golpe sobre Lopez e as poucas forças que o acompanhavão, perecendo o cruel e obstinado dictador e ficando completamente anniquiladas esses restos do seo [exenoito]

Congratulo-me em V. Ex^a pelo completo e brilhante triunfo de nossas armas. (TELEGRAMA, 15 de mar. de 1870.)

Em síntese, os documentos que chegavam na província no último ano de conflito eram desse gênero. Sempre buscando enaltecer o nacionalismo, o ufanismo e o patriotismo brasileiro; além disso, o teor deles e a história que queriam contar era baseada destruir mais ainda a visão que as pessoas tinham do Paraguai, ou seja, sempre vinham adjetivando, como já dito, de forma lamentável, terrível e miserável.

Além desse documento, foi encontrado uma ordem do dia 16 de abril de 1870. Ela vinha diretamente do Comando em chefe de todas as forças brasileiras na República paraguaia. O documento se inicia dizendo que é baseado no aviso que chegou do Ministério da Guerra.

O documento conta que houve um acontecimento grandioso e glorioso: a morte de Francisco Solano López. Ele foi destroçado pelas forças do exército brasileiro.

“Os gloriosos acontecimentos de 1.º do corrente contra as ultimas forças de Solano Lopez, destroçadas pelas do Exercito Brasileiro ao mando do general Camara, hoje visconde de Pelotas, na margem esquerda do Aquidaban, puserão o desejado termo á guerra do Paraguay.” (ORDEM, 16 de abr. de 1870.)

Além disso, há agradecimentos a todos os serviços prestados até aquele momento, pois foram de suma importância para a província. Há também, despedidas e momentos lembrados e expostos na ordem.

“Não é sem profunda emoção que me despeço dos meus companheiros de armas. Este sentimento mistura se hoje á intensa alegria de poder regressar ao seio da Patria e da família e de fazel-o procedendo por pouco tempo áquelles de meus camardas que ainda se achão n’ esta terra, e deixando assim cumpridas as esperanças que, ha um anno, em igual data anunicei. Anno foi esse de trabalhos para todos nós, e por vezes de amargos desenganos: mas não findeu sem deixar assegurado o descanso do Brazil, e totalmente aniquiliado o inimigo que se se tornara incompativel com a paz e segurança do nosso Paiz.” (ORDEM, 16 abr. de 1870.)

Há um trecho de muita exaltação aos soldados, pois apesar de todos os obstáculos criados pelos paraguaios, os grandíssimos soldados brasileiros conseguiram vencer de derrotá-los:

“Soldados do exercito em operações no Paraguay! ! Depois que a vós me dirigi em Luque, muito tivestes ainda que trabalhar, muito que soffrer para conseguir o fim a que anhelavamos. Vãos forão porem os obstaculos que se vos antepunhão; quer os multiplicados pela astucia e actividade do vosso adversario, quer aquelles, por ventura mais temiveis, que vos oppunha uma natureza quasi virgem. Dezeseis mil homens teve o dictador do Paraguay em armar no anno de 1869 (*); elles desaparecerão pelos vossos esforços sem quasi deixarem vestigios de si, não com tudo sem abrir em vossas fileiras claros, embora comparativamente poucos, por demais sensiveis.” (ORDEM, 16 abr. de 1870.)

Ou seja, a força brasileira, o exército, foi muito mais perspicaz que os inimigos paraguaios. Esse tipo de conotação é muito presente em todos os documentos durante o período do conflito, pois era de suma importância notícias que exaltasse os soldados, a pátria e todos que ali estavam presentes no conflito.

Isso era essencial para que o sentimento de patriota e nacionalista desenvolvesse, para que ninguém desertasse, pois enfraqueceria muito mais o exército brasileiro e as chances de sair ganhador da guerra seriam mínimas.

Em suma, foi uma guerra de interesses variados, que tinham a urgência de serem sanados o mais rápido possível. Interesses os quais projetavam o desejo de uma guerra, pois só com elas os problemas políticos, econômicos e geográficos seriam consertados.

No documento datado em 16 de abril, a ordem que vinha do comando em chefe, traz uma exaltação ao Império brasileiro, ao imperador e aos aliados, a qual deixa ainda mais óbvia a comoção nacionalista e patriótica que gerou e alimentou o conflito durante os anos de 1864 a 1870:

“Viva a Nação Brasileira!
Viva Sua Magestade o Imperador!
Viva a Constituição Política do Imperio;
Viva o Exercito e Armada!
Vivão os voluntarios, da Patria!
Vivão os nossos allidos!” (ORDEM, 16 abr. de 1870.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise da historiografia e das fontes é perceptível que a nação Paraguaia de todas as formas era subjugada e tido como o grande vilão, invasor e que de início a todas as problemáticas que um conflito com essa proporção traz para todos os envolvidos.

Outra parte importante destacar é a questão trazida por Chimamanda Ngozi Adichie sobre a história única. Esse ponto é de uma magnitude grande e de importância, pois ainda é muito usual apenas uma perspectiva que acaba sendo tida como a oficial.

Além disso, tanto o Brasil como o Paraguai foram transgressores, ou seja, culpados para tal conflito ter ocorrido e ter gerado inúmeras consequências que atingiram pessoas inocentes. Pessoas que não tinham culpabilidade em absolutamente nada.

Havia muitos interesses distintos, conseqüentemente a soberba e arrogância. E o sentimento de que seria apenas um conflito rápido e prático, para quem ganhasse conseguisse

ter a hegemonia da bacia platina que tanto era almejada. Foi um conflito de proporções enormes, que gerou inúmeras consequências, como a miséria, pobreza, intolerância e morte para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAIS – REPERTÓRIO GUERRA AO PARAGUAI ARQUIVO PÚBLICO DE MATO GROSSO (APMT)

RELATÓRIO do Distrito Militar do Baixo Paraguay relativo ao mês de maio de 1870 passado pelo Tenente Coronel de [Comissão] Comandante Antonio José da Costa. (RGPG-A1870-RE-0556)

OFÍCIO passado pelo Tenente Coronel de [Comissão] Comandante Antonio José da Costa. ao Presidente da Província de Mato Grosso Luiz da Silva Prado. (RGPG-A1870-OF-0578)

OFÍCIO passado pelo Comandante em Chefe Gaston de Orleans ao Presidente Interino da Província de Mato Grosso Sr. Luiz da Silva Prado. (RGPG-A1870-OF-0558)

ORDEM DO DIA N. 47 passado por Gastão de Orleans, em virtude do Aviso do Ministério dos Negócios da Guerra de 19 de março de 1870. Documento impresso pela Typographia do Exército (s/data e local) pg.. 01-06. (RGPG-A1870-OM-0635)

OFÍCIO passado por José Maria da Silva Paranhos ao Presidente da Província de Mato Grosso Barão de Melgaço. Anexos: 02 Ofícios; 01 Relação de Objetos (Cópia) e 01 Telegramma (Cópia); Ofício passado na Missão Especial do Brasil em Assumpção. (RGPG-A1870-OF-0643)

BIBLIOGRÁFICAS

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 617 p. ISBN: 85-359-0224-4.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DOCKHORN, Vera Lúcia Nowotny. **O ensino da Guerra do Parguai através das imagens: uma proposta para o uso da fotografia e da pintura como fonte e ensino**. Dissertação (Mestrado profissional) – Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História. Cuiabá, 2020.

VILELA, Marlene Menezes. **Quando o dedo de Deus apontou a nossa província ao anjo da morte: a ocasião da varíola em Cuiabá (1870)**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2001.